



**A COLONIALIDADE NA AMAZÔNIA BRASILEIRA E SUAS ATUALIZAÇÕES**  
**NA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL: O VÍDEO INSTITUCIONAL “A USINA**  
**HIDRELÉTRICA DE BELO MONTE”**

**GT14: Discurso e Comunicação**

Rodrigo Wallace Cordeiro dos SANTOS<sup>1</sup>

Ivânia dos Santos NEVES<sup>2</sup>

Universidade Federal do Pará, Belém-PA

**Resumo**

Este artigo tem a proposta de tecer uma análise sobre um produto audiovisual, veiculado pelo site *Youtube* e produzido pela Norte Energia S.A, empresa responsável pela construção da usina hidrelétrica de Belo Monte, no estado do Pará. O filme “A Usina Hidrelétrica de Belo Monte” faz uma apresentação da grande obra a ser construída no leito do Rio Xingu, mostrando possíveis ganhos e melhorias para as populações locais. Inicialmente, discutiremos sobre a colonialidade do poder, que ainda se faz presente na Amazônia, sob a perspectiva de Walter D. Mignolo. E em seguida, a partir de algumas noções da Análise do Discurso propostas por Michel Foucault, como *relações de poder*, da noção de *memória discursiva*, proposta por Jean Jacques Courtine e dos estudos de Mídia e Discurso de Rosário Gregolin analisaremos algumas tensões discursivas presentes nos enunciados sobre a Amazônia, colocados em circulação pela mídia.

---

<sup>1</sup> Estudante do último semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal do Pará – UFPA. Email: rodrigowcsantos@gmail.com

<sup>2</sup> Coautora e Orientadora do artigo. Professora da Faculdade de Letras – FALÉ-UFPA e do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia – PPGCOM-UFPA. Coordenadora do projeto de pesquisa “A invenção do índio na mídia: discursos e identidades”. Email: ivanian@uol.com.br

Estes acontecimentos discursivos nos levam a crer que, mesmo nos dias atuais, a Amazônia continua a ser vista, pelo governo brasileiro e por grandes empresas transnacionais como uma colônia.

## **Introdução**

As sociedades amazônicas são marcadas por recorrentes histórias atravessadas por estratégias de dominação e colonização que se fundamentam, principalmente, no discurso de desenvolver e integrar a região ao restante do Brasil. A partir da segunda metade do século passado, este processo começou a ser justificado e legitimado a partir da veiculação de produtos midiáticos, que se tornaram grandes (re)produtores de discursos sobre as diferentes realidades sociais da região.

Na atualidade, diariamente, recebemos uma grande quantidade de informações através dos meios de comunicação. Com isso, abre-se um leque cada vez maior de objetos de estudos da Análise do Discurso (AD) e é cada vez mais frequente o interesse de pesquisadores da área da Comunicação em estudar a mídia a partir da perspectiva da AD. Torna-se mais frequente também o interesse de pesquisadores amazônicos em estudar os discursos colocados em circulação sobre a Amazônia, considerando que a região tem hoje grande importância e interesse do mundo e está pautada com bastante frequência pelas diversas mídias.

Dentro desta perspectiva, tomamos como referencial teórico a Análise do Discurso (AD) fundamentada nos estudos de Michel Foucault e de outros autores, como Jean Jacques- Courtine, além de outros estudos de pesquisadores que trabalham com as relações entre discurso e mídia, para estudar e compreender quais os efeitos de sentidos produzidos, em um determinado recorte histórico, pelas materialidades discursivas. Segundo Rosário Gregolin, os estudos da Mídia e da

AD se complementam e, portanto, a aproximação entre esses dois campos, acaba por desenvolver tanto um, quanto o outro, “pois ambos têm como objeto as produções sociais de sentido”. (GREGOLIN, 2007: 13)

Este artigo é resultado do projeto de pesquisa “A invenção do índio na mídia: discursos e identidades”, financiado pelo CNPq. Neste trabalho, tomaremos como corpus de análise, um produto audiovisual sobre a região amazônica que retrata de forma particular e instigante as tensões discursivas que a mídia coloca em circulação. Este produto é um filme veiculado pelo site *Youtube* e colocado no ar no ano de 2011, sobre a construção da usina hidrelétrica de Belo Monte, na cidade de Altamira, no interior do estado do Pará. Este empreendimento é a maior obra em andamento do governo brasileiro na atualidade. As discussões sobre este projeto, cujas obras já iniciaram, dividem as opiniões e são carregadas de tensões sociais, ambientais e discursivas.

### **A colonialidade do poder e a Amazônia**

Para Walter D. Mignolo (2003, p. 81), “a conexão do Mediterrâneo com o Atlântico através de um novo circuito comercial, no século 16, lança as fundações da modernidade como da colonialidade”. E a Amazônia, como parte constituinte do “novo mundo”, como viriam a ser chamada as terras invadidas das Américas, iria sofrer drasticamente com as novas relações econômicas, sociais e de trabalho constituídas neste “moderno sistema mundial”. A história amazônica sistematicamente atualiza estas tensões, num jogo de relações de poder, de discursos que se combatem, muitas vezes em conflitos bélicos entre indígenas, populações tradicionais e invasores.

D. Mignolo (2003: p.11) afirma que a partir desta perspectiva modernidade/colonialidade está o que ele denomina de pensamento liminar:

Visto da perspectiva subalterna, o lócus fraturado da enunciação define o pensamento liminar como uma reação à diferença colonial. “Nepantla”, palavra cunhada por um falante de Nahuatl na segunda metade do século 16, é outro exemplo do pensamento liminar. “Estar ou sentir-se entre”, como se poderia traduzir a palavra, pôde sair da boca de um ameríndio, não de um espanhol (cf Mignolo, 1995b). A diferença colonial cria condições para situações dialógicas nas quais se encena, do ponto de vista subalterno, uma enunciação fraturada, como reação ao discurso e à perspectiva hegemônica. Assim o pensamento liminar é mais do que uma enunciação híbrida. É uma enunciação fraturada em situações dialógicas com a cosmologia territorial e hegemônica (isto é, ideologia, perspectiva).

Estudar a Amazônia sob a perspectiva do pensamento liminar significa ouvir, mesmo que sejam através de discursos colocados em circulação na mídia, as vozes que ficaram silenciadas nas grandes obras como as estradas Belém-Brasília e Transamazônica, e que nos ajudarão a trilhar um caminho para a compreensão destes processos de intervenção na Amazônia. Processos estes que tem o nome de colonialidade do poder, mas que ao longo do tempo se mascararam como “ocupação”, “integração”, “progresso” e agora de “desenvolvimento sustentável”, como estamos vendo no caso da Usina de Belo Monte. Porém, D. Mignolo (2003) nos adverte que é necessário não confundir as práticas de colonialidade com o período colonial:

A colonialidade do poder deve ser distinguida do período colonial, que se estende na América Latina do início do século 16 ao início do século 19, quando o Brasil e a maioria dos países de língua espanhola conquistam a independência da Espanha e de Portugal e começaram a constituir-se em estados-nações. O colonialismo, como observa Quijano, não se extinguiu com a independência porque a colonialidade do poder e do saber mudou de mãos, por assim dizer, subordinou-se à nova e emergente hegemonia epistemológica: não mais a Renascença, mas o iluminismo. (MIGNOLO, 2003, p. 129)

Há quem possa ter a ideia de que, este processo de dominação na Amazônia tenha encerrado quando a antiga Província do Grão-Pará foi obrigada a “aderir” à independência do Brasil em 1835. Porém, como D. Mignolo nos diz, este é um processo que ainda existe, de forma atualizada. Analisando alguns acontecimentos recentes na Amazônia, vemos que a colonialidade do poder está nos interesses de capitais nacionais e estrangeiros que se entrelaçam a interesses governamentais e de uma elite local que abrem caminho para o prosseguimento da exploração dos recursos naturais. Este processo, por mais perverso que seja, encontra acolhida nos discursos da mídia, das escolas, das igrejas e até mesmo nas posições defendidas por moradores da região que são afetados pela exploração predatória da região.

### **Memória discursiva e relações de poder**

O presente da Amazônia é composto de memórias que foram se construindo ao longo do tempo, desde as narrativas dos primeiros conquistadores da região aos livros didáticos usados nas escolas. A mídia faz recorrência cotidianamente a estas memórias em seus produtos, seja numa reportagem de TV, numa matéria

impresa, num filme e até mesmo numa novela. Atualmente, a mídia não só procura e atualiza memórias, como também acaba *agenciando* a memória sobre a Amazônia e demais assuntos. Este *agenciamento* se dá a partir da publicidade de algumas memórias e o silenciamento de outras. A respeito da memória discursiva, Jean-Jacques Courtine nos diz que:

Toda produção discursiva se efetua em determinadas condições conjunturais de produção e remete, põe em movimento e faz circular formulações anteriormente já enunciadas, como um efeito de memória na atualidade de um acontecimento. (COURTINE, 1981:78)

As memórias postas em circulação pelos meios de comunicação não estão desvinculadas das relações de poder. Os discursos e as memórias que os produtos midiáticos carregam são sustentados pelas relações de poder que existem na sociedade. Pois, “onde quer que haja circulação de discursos, lá estarão as relações de poder.” (NEVES, 2009: 102). Sobre as relações de poder, Foucault (2007, 101) afirma:

[...] existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso. Não há possibilidade de exercício do poder sem uma certa economia dos discursos de verdade que funcione dentro e a partir desta dupla exigência. Somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercê-lo através da produção da verdade. Isto vale para qualquer

sociedade, mas creio que na nossa as relações entre poder, direito e verdade se organizam de uma maneira especial.

De acordo com Foucault, o poder vai nos submeter às produções de verdades. E estas “verdades” serão a sustentação do poder hegemônico em um determinado momento histórico. À época da conquista da Amazônia, os primeiros conquistadores em suas narrativas descreveram a região de forma ufanista, exótica e depreciando os habitantes que aqui encontraram. Essas *vontades de verdade* justificavam a colonização de região e a “civilização” dos índios que aqui existiam e ainda existem. Em outro momento histórico, o discurso de “um vazio demográfico” na Amazônia e o seu “isolamento” do restante do Brasil deram a sustentação para uma nova investida colonial na região, a partir da segunda metade do século XX.

[...]em um momento histórico, há algumas ideias que devem ser enunciadas e outras que precisam ser caladas. Silenciamento e exposição são duas estratégias que controlam os sentidos e as verdades. Essas condições de possibilidade estão inscritas no discurso – elas delineiam a inscrição dos discursos em formações discursivas que sustentam os saberes em circulação numa determinada época. (GREGOLIN 2007: 15)

Na sociedade atual, os meios de comunicação são os principais responsáveis pela circulação de discursos e a partir da fala de Gregolin, podemos dizer que mídia atua hoje como o principal meio de mediação das produções de verdade.

## Amazônia e as grandes obras

Nos dias de hoje, a Amazônia ainda é palco de grandes projetos de desenvolvimento, assim como fora a partir da segunda metade do século XX, como a construção de estradas e outros grandes empreendimentos de infraestrutura. Os projetos da atualidade se pautam em grandes obras de engenharia, principalmente a construção de usinas hidrelétricas. A região é considerada a principal fonte de energia para o Brasil, devido à sua volumosa bacia hidrográfica. Além da ideia de progresso e desenvolvimento que estas grandes obras trariam para a região, circula ainda o discurso de uma “energia limpa”, sem danos ao meio ambiente amazônico.

Durante a abertura das grandes estradas da Amazônia, como a rodovia Belém-Brasília e a rodovia Transamazônica, nos anos de 1960 e 1970, as populações indígenas e locais foram indiscriminadamente ignoradas durante a execução destas obras. Os projetos foram tocados como se a Amazônia fosse uma terra vazia, sem ocupação pelo homem e sem história. Mas a realidade é que a região era sim habitada e os seus moradores acabar por receber apenas as consequências dos impactos negativos destas grandes obras.

Na atualidade, em Belo Monte, já há uma outra relação com os habitantes da floresta, um pouco menos irracional, mas ainda assim danosa. Medidas condicionantes e compensatórias foram exigidas e determinadas por órgãos oficiais como IBAMA<sup>3</sup> e MPF<sup>4</sup>, para amenizar os impactos decorrentes da construção da usina. Ações como construção de escolas, obras de saneamento, infraestrutura nas terras indígenas e outras, deveriam ser executadas antes do início das obras da usina. Mas, hoje, é possível verificarmos

---

<sup>3</sup> Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

<sup>4</sup> Ministério Público Federal

através das notícias que chegam da cidade de Altamira, que boa parte destas melhorias ainda não estão implantadas e, por conta disto, a cidade passa por vários problemas causados por impactos socioambientais. A população desta cidade aumentou substancialmente e a atual infraestrutura da cidade – escolas, hospitais, delegacias – não suportou a demanda aumentada pela vinda de imigrantes para a região.

Sob estas perspectivas, percebemos que as condições históricas atuais não são propícias às estratégias antigas de desenvolvimento da Amazônia, onde o silenciamento das populações locais, a intervenção danosa na floresta e a despreocupação com impactos socioambientais eram aceitas sem contestação. Hoje, o modelo de desenvolvimento utilizado para a construção de Belo Monte, atualiza este processo de colonialidade do poder e mesmo com as condicionantes e ações compensatórias não conseguem evitar e, em função principalmente das redes sociais, não conseguem mascarar os danos que este tipo obra causam às populações locais e ao meio ambiente.

Assim como em períodos anteriores da história amazônica, estes grandes projetos se tornaram campo de inúmeras batalhas discursivas. E a mídia novamente se tornou uma das principais mediadoras destas batalhas, através de materialidades como o audiovisual.

Tomaremos aqui como objeto uma materialidade audiovisual para tecermos uma análise sobre o funcionamento discursivo desta produção. Analisaremos um filme institucional, produzido pela Norte Energia S.A, empresa responsável pela construção da usina hidrelétrica de Belo Monte, no Pará.

### **O filme “A Usina Hidrelétrica Belo Monte”**

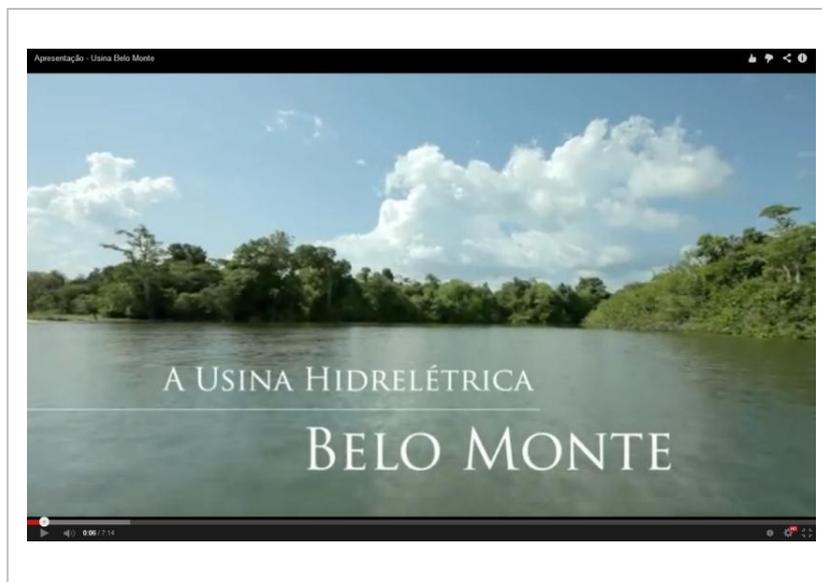
A usina hidrelétrica de Belo Monte é considerada a maior obra de engenharia em andamento no Brasil. A obra foi projetada pelo governo federal e está sendo executada por um consórcio de grandes construtoras brasileiras, financiadas através de recursos liberados por bancos estatais.

Belo Monte está sendo construída às proximidades da cidade de Altamira, no Pará. A obra está situada no leito do Rio Xingu, em uma região conhecida como “Volta Grande do Xingu”, onde o rio faz uma grande volta antes de seguir o caminho para a desembocadura no Rio Amazonas.

A usina tem sido alvo de vários questionamentos a respeito da sua viabilidade econômica, dos seus impactos socioambientais, da sua real área de influência e até mesmo sobre a legalidade do início das obras. Indígenas, ribeirinhos, moradores das cidades próximas à usina e órgãos institucionais como o MPF, tem atuado frequentemente no sentido até de paralisar a obra. A usina também está sendo vista como um grande marco para a região. Há muitas pessoas – empresários e governantes da região, governos federal e estadual, migrantes de outros Estados - que veem na obra uma oportunidade de emprego e prosperidade e, portanto, defendem a construção da obra, que segundo elas, traria progresso e desenvolvimento para a região do Xingu.

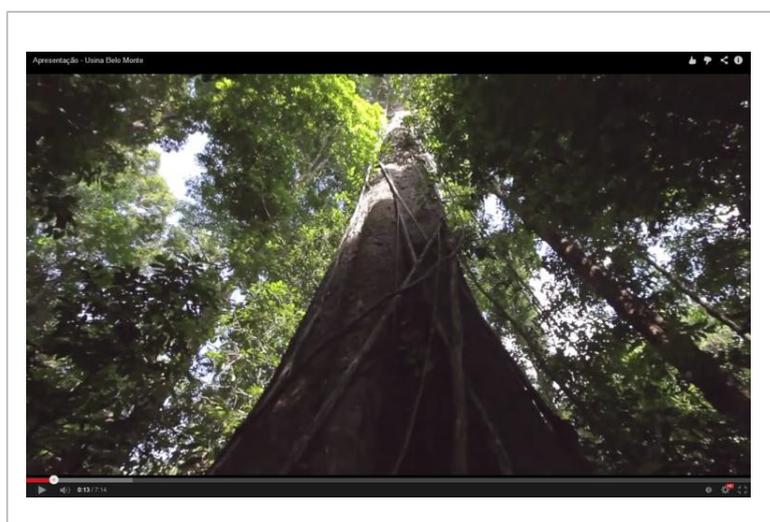
Neste contexto, a mídia se tornou um grande instrumento de mediação desses enunciados prós e contras a construção da usina. Uma busca, principalmente na internet, nos mostra uma gama de produtos midiáticos com a temática da usina. Vamos analisar agora um desses produtos, um vídeo institucional produzido em 2011.

**Figura 1 – Abertura do filme “A Usina Hidrelétrica Belo Monte”**



Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=U6VnKvL1cMQ>

**Figura 2 – Árvore imponente**



Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=U6VnKvL1cMQ>

**Figura 3 – Criança**



Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=U6VnKvL1cMQ>

As imagens anteriores, figuras de 1 a 3, foram extraídas dos instantes iniciais filme “A Usina Hidrelétrica Belo Monte”, produzido pela empresa Norte Energia, responsável pela construção da obra. O filme tem a duração de pouco mais de sete minutos e foi veiculado pela internet, através do site *Youtube*, em 22 de novembro de 2011.

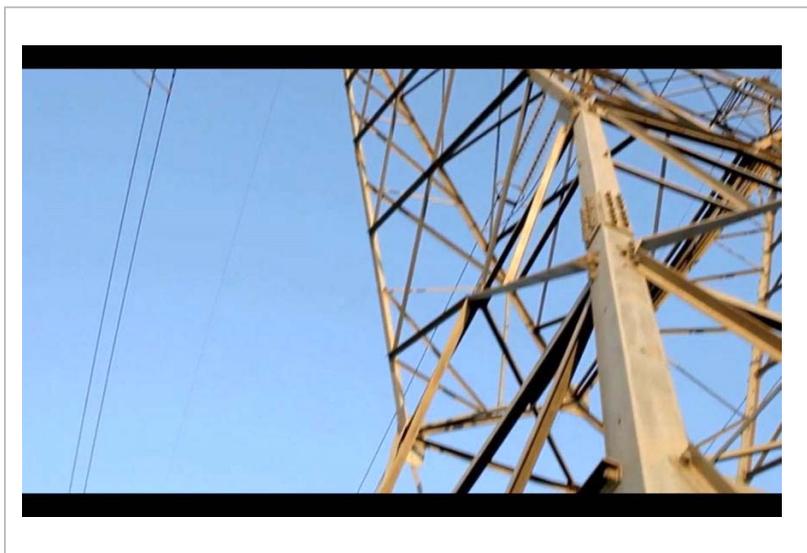
O início do filme é marcado com uma memória já bastante conhecida e que acaba por identificar a região. Uma sequência de imagens, como podemos ver, que buscam enunciar a exuberância e a beleza da floresta. Imagens da imensidão do rio Xingu (Fig. 01) e uma grande árvore mostrando toda a imponência da floresta (Fig. 2). Esta sequência do filme é passada sem narração e com uma trilha agradável aos ouvidos, buscando realmente um efeito de deleite e contemplação da floresta amazônica ao espectador.

No entanto, neste filme há uma imagem que atualiza a memória sobre a região amazônica: a presença do homem na região, nesta cena representada por uma criança (Fig. 3). Antes silenciada pelas produções que retratavam os grandes projetos das décadas de 60 e 70 do século passado, agora a presença do homem é mostrada, mesmo que estereotipada.

Notamos que a imagem de uma criança segurando um papagaio, busca vários efeitos de sentido. Primeiro é possível pensarmos na harmonia que é a relação do homem amazônico com a natureza. Uma relação de cuidado e respeito com a floresta e que desta vez será levada em consideração. Segundo, busca-se representar o indivíduo que habita as florestas com a pureza de uma criança, levando esse efeito ao espectador.

Depois desta sequência de imagens da floresta e dos rios e da criança amazônica, há um corte seco, que leva o filme para a imagem mostrada abaixo. Ela mostra uma torre de transmissão de energia e aí entra o início da narração, que transcrevemos um trecho abaixo:

**Figura 04 – Torre de transmissão de energia elétrica**



Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=U6VnKvL1cMQ>

A energia é um instrumento essencial para o progresso econômico e social de uma nação. O Brasil e o mundo precisam de energia elétrica. A produção dessa energia permitirá reduzir as desigualdades sociais e estabelecer as bases para um crescimento econômico sustentável. (USINA HIDRELÉTRICA BELO MONTE, 2011)

Estes enunciados procuram legitimar e justificar a construção da obra. Temos um efeito de que, apesar de toda a beleza e exuberância da floresta, a usina é necessária. Pois, “a energia é um instrumento essencial para o progresso econômico e social de uma nação”. Este enunciado é falado com um tom bastante firme do narrador. Em seguida, temos mais um enunciado que o narrador fala

com firmeza: “O Brasil e o mundo precisam de energia elétrica”. Temos um efeito de inquestionabilidade. Não é possível questionarmos a construção da usina, pois ela garantirá que a região se desenvolva agora de forma “sustentável”. A palavra “sustentável” atualiza o discurso desenvolvimentista. Agora, a intervenção na Amazônia não será mais indiscriminada ou sem estudos, como fora na construção das estradas das décadas de 1960 e 1970. No momento atual, buscar-se-á um modelo de desenvolvimento menos danoso ao meio ambiente, embora hoje os resultados do início da construção já revelem consequências bem negativas para o meio ambiente e para as populações locais, como a alteração dos ciclos da pesca.

Durante as décadas de 1960 e 1970, época em que foram abertas grandes estradas na Amazônia, não houve nenhuma preocupação com as populações locais. Mas, um discurso é posto em circulação levando em consideração o momento histórico que o seu sujeito produtor está inserido. Na atualidade, o desrespeito às populações locais não combinaria com discurso do desenvolvimento sustentável. Por isso, neste filme há uma atenção aos habitantes da região de influência da usina.

O instigante desta passagem do filme, é que o seu roteiro divide as populações da floresta em dois grupos: populações indígenas e população urbana e rural. Nesta página e na seguinte, temos imagens da sequência em que se fala dos indígenas. Durante este plano de imagens, mostrado a seguir nas Fig. 5 e 6, o narrador emite os seguintes enunciados: “Reduzindo o reservatório, o projeto Belo Monte impediu o alagamento de qualquer área indígena”. (USINA HIDRELÉTRICA BELO MONTE, 2011)

**Figura 5 – Aldeia indígena localizada no entorno da obra**



Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=U6VNKvL1cMQ>

**Figura 6 – Aldeia indígena localizada no entorno da obra**



Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=U6VNKvL1cMQ>

O enunciado acima ratifica o efeito de que desta vez há uma diferença no trato com as populações em volta das grandes obras da Amazônia. O narrador busca convencer o espectador no momento em que ele dá ênfase e destaque ao enunciado “qualquer área indígena”. Produz-se um efeito novamente de inquestionabilidade, “Viram? Não há o que contestar, estamos cuidando dos índios”. Porém, nos takes acima, percebemos um distanciamento presente com que a questão indígena é tratada. Todas as aldeias são mostradas num plano aéreo, produzindo um efeito de “estamos cuidando de vocês, mas de longe”. Hoje, os indígenas já se mobilizaram várias vezes, inclusive paralisando a obra, para reivindicar condicionantes, que amenizariam os impactos da obra, que a empresa responsável não estaria cumprindo.

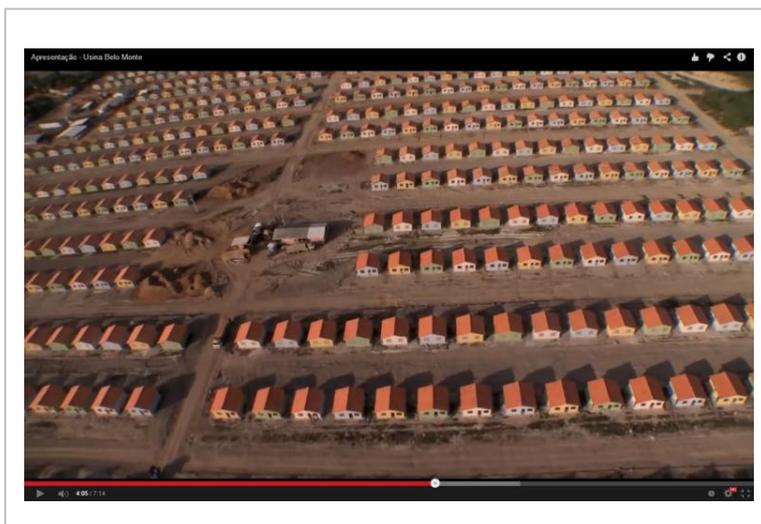
Após esta parte, em que se fala das populações indígenas, novamente há um silêncio e o narrador retorna juntamente com as imagens destes takes das Fig. 7 e 8:

**Figura7 – Palafitas em Altamira-PA**



Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=U6VnKvL1cMQ>

**Figura 8 – Novas moradias construídas pela Norte Energia**



Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=U6VNKvL1cMQ>

As populações urbanas não foram esquecidas. Belo Monte vai arcar com os custos de 100% da infraestrutura de saneamento básico, de Altamira e de Vitória do Xingu. As famílias de Altamira, que moram atualmente em condições precárias, terão moradias dignas em locais com toda a infraestrutura urbana. (USINA HIDRELÉTRICA BELO MONTE, 2011)

Como dito, após a sequência de imagens da questão indígena, o narrador fica em silêncio e retoma sua fala com o enunciado “as populações urbanas não foram esquecidas”. O efeito de “pensaram que tínhamos esquecido alguém” é produzido neste momento do filme. É preciso convencer a população das cidades locais de que a obra trará benefícios para todos. E isto é feito com a promessa de uma

“vida melhor”, um antigo discurso de prosperidade na Amazônia, que podem ser vistos em antigos materiais audiovisuais que retratam a abertura da floresta amazônica por estradas, que agora é atualizado pela construtora da usina de Belo Monte.

Os discursos colocados em circulação por este filme apresentam objetivos bem claros: convencer a opinião pública dos benefícios da construção de Belo Monte. No período da Ditadura Militar (1964-1985), eles seriam recebidos com menos resistência pela sociedade brasileira, em função das práticas autoritárias que reprimiam as contestações em relação aos projetos governamentais e controlavam a circulação das informações. Mesmo nestes momentos, embora fossem tomados como verdade, pela maioria da população, havia quem contestasse, ainda que silenciosamente, este processo de colonialidade na região.

Hoje, este discurso desenvolvimentista continua se inscrevendo como uma verdade bastante administrada pelo governo brasileiro e pelos meios de comunicação massivos. Mas as condições de possibilidades históricas são outras: não vivemos mais um regime de exceção, embora algumas práticas de repressão desta época ainda sejam reeditadas em relação à repressão de manifestantes e de pessoas diretamente atingidas pela construção da usina. Por outro lado, as redes sociais descentralizaram a circulação de informações sobre o que acontece no Xingu, na atualidade. Tudo isto implica em outras práticas de recepção da opinião pública brasileira.

### **Considerações finais**

Este trabalho é um recorte e um dos primeiros resultados de uma pesquisa que ainda está em andamento. Portanto, não se tem ainda a pretensão e nem podemos nos ater a um resultado final. Mas é possível inferirmos e

destacamos alguns pontos que norteiam as tensões discursivas sobre a Amazônia, especificamente sobre a questão de Belo Monte, veiculadas pela mídia.

Neste trabalho vimos que as condições de possibilidades históricas atuam com um papel importante na circulação de enunciados. Certos enunciados são colocados em circulação e evidência em um determinado período histórico, enquanto outros são interditados.

A mídia, com seu papel propagador e difusor, atua no papel de mediar e agenciar os discursos silenciados e interditados. Nos anos de 1960 e 1970, durante a abertura de estradas na região amazônica, as populações locais foram silenciadas e ignoradas pelos responsáveis por estas obras. Na sociedade atual, procura-se mostrar que os moradores da região envolvida pela usina de Belo Monte estão sendo ouvidos e levados em consideração na execução da obra. Atualmente, fala-se em desenvolvimento sustentável, cuidado com as populações locais e preservação da floresta. E a mídia mais uma vez atua como meio de circulação destes discursos.

Destacamos também que este jogo de interdição e circulação de discursos mediados pelos meios de comunicação não está desligado das relações de poder existentes em um determinado período histórico. E que as relações de poder proporcionam a produção de verdades, que passam a fazer parte do cotidiano das pessoas.

As relações de poder modificam os discursos ao longo da história. Enunciados que antes poderiam ser ditos de uma forma, agora são modificados ou atualizados, produzindo efeitos diferentes. As relações de poder também acabam por fazer circular enunciados antes silenciados em grandes obras, como as



populações da Amazônia. Além disto, a colonialidade do poder também se atualiza. Entendemos que discursos como “desenvolvimento sustentável” ou “melhorias urbanas”, são na verdade uma forma de disfarçar esta colonialidade. Numa análise mais cuidadosa sobre este contexto, verificamos que a Amazônia continua a ser, na verdade, vista como uma colônia.

Neste contexto, analisar as tensões discursivas encontradas nos produtos midiáticos se torna uma ferramenta bastante relevante para entendermos as dinâmicas e os processos de desenvolvimento na Amazônia, que ainda são marcados pela colonialidade do poder, que se atualiza historicamente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Corrêa, M. N. (2013). *Os Aikewára e a mídia: relações de poder, cultura e Mediação*. Dissertação de Mestrado. UNAMA.

Courtine, J.-J. (1981, jun.) Quelques problèmes théoriques et méthodologiques em analyse Du discours à propôs Du discours communiste adressé aux chrétiens. *Langages*, 15(62), 9-128. Paris: Larousse. Disponível em: [http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lgge\\_0458-726x\\_1981\\_num\\_15\\_62\\_1873](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lgge_0458-726x_1981_num_15_62_1873).

Foucault, M. (2007). *A Microfísica do Poder*. São Paulo: Graal.

Gregolin, M. do R. (2007). Análise do Discurso e mídia: a (re)produção de identidades. *Comunicação, Mídia e Consumo*. (4), 12-26, (São Paulo).

Mignolo, W. D. (2003). *Histórias Locais/ Projetos Globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG,

Neves, I. (2009). *A Invenção do Índio e as Narrativas Oraís Tupi*. Tese de Doutorado em Análise do Discurso. Campinas, SP: UNICAMP.

## LINK CONSULTADO

*A Usina Hidrelétrica De Belo Monte*. Vídeo Institucional, 2011. Acessado em 28/03/2014, às 10h.

<[https://www.youtube.com/watch?v=U6VNKvL1cMQ&list=PL3OjH70Ze6E03K\\_QonuxrCDxEUJNhF3EY](https://www.youtube.com/watch?v=U6VNKvL1cMQ&list=PL3OjH70Ze6E03K_QonuxrCDxEUJNhF3EY)>